

**26 ESCRITORES • 26 FOTÓGRAFOS  
• 26 LETRAS • 26 MESES**

Um projecto artístico que liga escritores de língua portuguesa e fotógrafos de outras geografias. Juntos na construção de um alfabeto comum.

# ALFABETO GLOBAL

Coordenação Paulo Kellerman

## Janela

Ele gosta de janelas, do jogo duplo que o vidro permite: o olhar de dentro para fora e o olhar de fora para dentro. Enquanto remove as impurezas da face translúcida, a mulher pensa que Deus está sempre ali, à janela, simultaneamente de ambos os lados. Poderia perder-se nesta ideia por horas, mas ao disparar o pulverizador, o pensamento é magnificamente interrompido. O espaço enche-se de um véu vaporoso, feito de milhões de gotículas, onde o sol bruto embate. Borrifa de novo o ar, para repetir o prazer de ver nascer na sala outro efémero arco-íris. Neste acto infantil, percebe que nunca se deixa de procurar o que é belo. Para si, a beleza é isto: um instante que nos traz de volta à vida. Depois, o momento passa e regressamos à linha contínua da hibernação. «As janelas são lugares perfeitos para resgatar a alma», sussurra.

Enquanto torce o pano, avista um operário apático, avançando nublado pela avenida. Acompanha-o com olhos invasores e ele é interceptado pela intuição estranha de se sentir observado. O homem olha em várias direcções para perceber de onde vem o perigo e avista-a. Ela, sem hesitação, levanta a camisola para expor os seios. O anónimo estanca a olhá-la da estrada. Para naquele trajecto de nada que é a sua vida. Ela sorri. Sente a satisfação de quem desferiu no outro um golpe de beleza e de perturbação. Depois, envergonhada, enrola-se na cortina. Quando sai do casulo, já ele desapareceu na paisagem, libertado, por um instante, do reino dos mortos.

Nos últimos tempos, perto de superfícies hialinas, intensificam-se estes impulsos que não sabe explicar. No mês passado, com os lábios vermelhos, beijou os vidros dos carros estacionados num beco sombrio e, na noite anterior, havia escrito com tinta azul um verso obscuro na janela mais aristocrática da vila.

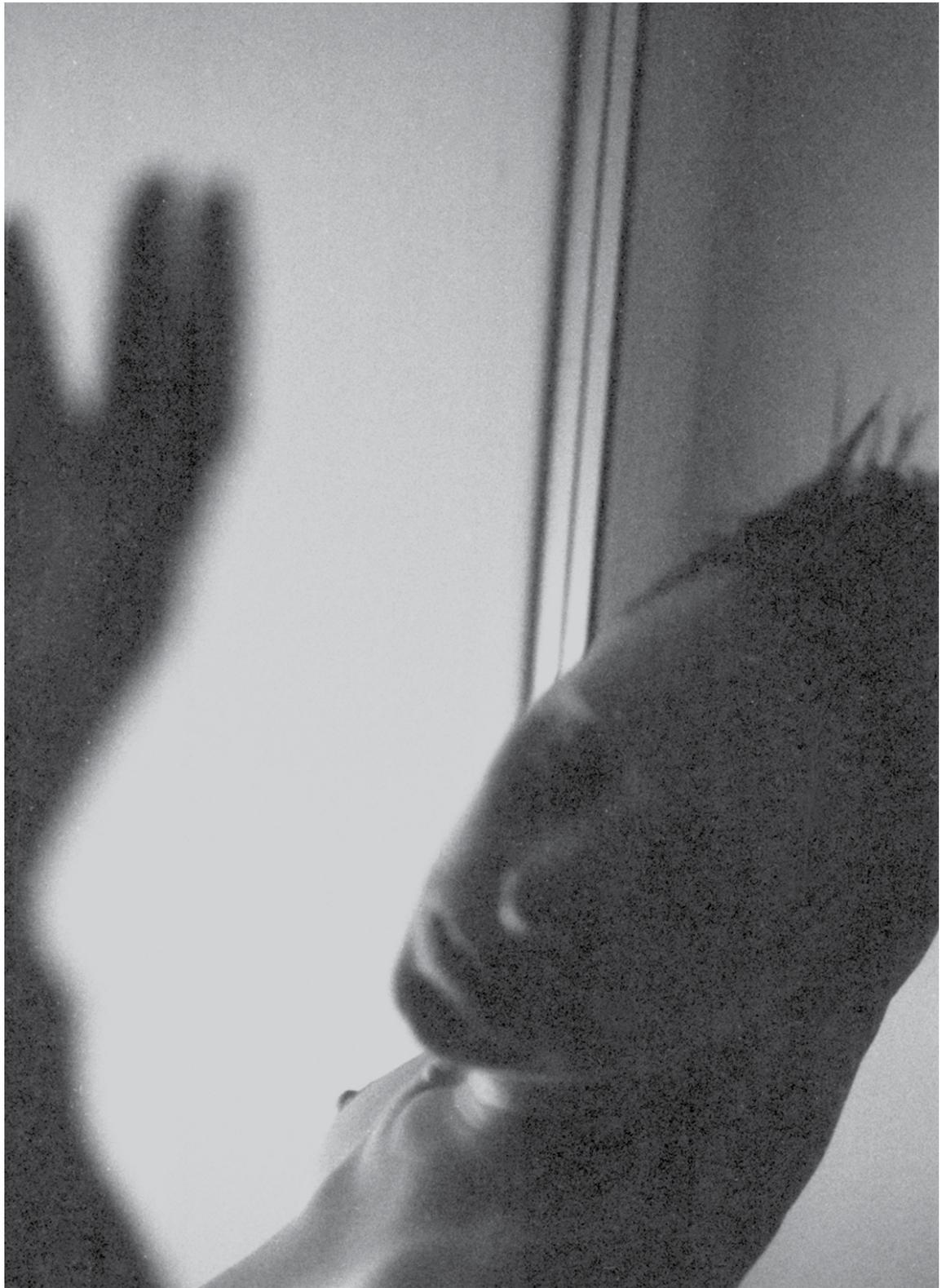
Suspira perante estes seus ímpetos. O hábito da dúvida embacia o vidro onde vai desenhando uma cruz. Volta a pensar em Deus, Deus à janela. Do lado de dentro das janelas do Paraíso, Ele observa os seus delitos, mas pelo dote da onnipresença, do lado de fora, também é seu cúmplice. Se Deus é tudo, em toda

a parte, Deus está nela nestes momentos também. Sim, Deus estava consigo quando mostrou os seios. E estava também presente quando, ainda em criança, atirou a pedra que estilhaçou o vitral da capela. Sim, Deus estava dentro da própria pedra, Deus era a força que a movia no espaço, Deus era o movimento e a trajectória, Deus era o vidro fragmentado. As pombas brancas, que mais tarde entraram pela ferida deixada no vitral, ofereceram dejectos sobre o altar e as andorinhas fizeram ninhos nas mãos sangradas de cristo. Anos depois, carregada de culpa, voltou ao espaço devoluto para limpar as consequências do seu feito. Deus limpou tudo com ela e piou sobre a sua cabeça.

Enquanto atravessa estas memórias criminais, desenha um olho sobre a lâmina baça. Dizem que Deus vê tudo. Deus vê tudo porque está dentro dos olhos das flores, das pessoas e dos bichos, disse ela não duvida. Consegue senti-lo através do cão que acompanha o cego pedinte, sempre tombado à entrada da avenida. Habitualmente, deposita no chapéu uma rosa e o cão olha-a com o olhar Dele.

Com um pano seco, apaga a cruz, apaga o olho. Esfrega o vidro até criar um efeito de espelho. A imagem dela funde-se na paisagem, o seu reflexo sobrepõe-se à árvore, à asa do melro que voa. Neste instante, constata que é um pouco como Ele: está dentro e fora ao mesmo tempo. A imagem do vidro que se projecta na realidade existe, mas não é corpórea. De facto, ela não está ali, não está na planta, não está na ave, se não na dimensão de uma quimera. O que está nas coisas é a aparência de si. A aparência de si sobre um ramo verde, a aparência de si sobre a essência voadora do pássaro. Talvez Deus seja assim também. Movida por um novo impulso, decide testar a hipótese. Desta vez, despe-se na totalidade. Sorridente pulveriza biliões de arcos-íris no espaço, que caem coloridos e frios sobre a sua pele. A mulher abre os braços. A janela diz: «Voar».

Foi o cego quem chamou as autoridades, não pelo milagre da cura, mas porque vira uma coisa muito bela: uma mulher voar, uma mulher nua e feliz a voar, feita pássaro, na avenida.



### JOANA M. LOPES TEXTO

Joana M. Lopes é escritora e artista plástica. Em 2014, publicou a sua primeira obra e desde então participou em várias antologias de contos e lançou mais de uma dezena de livros no âmbito da literatura infantil. Em 2018, lançou o romance “A vida de um homem que perseguia poemas”, e dois anos mais tarde, “A chama de Adrião Blávio”. Em 2021, ao lado de Afonso Cruz, escreveu a peça “Blind Date”. Em 2023, publicou “Demolição” o seu primeiro livro de poesia. É membro do projeto “Minimalista”.



### JULIE FLAM FOTOGRAFIA

Julie Flam é uma fotógrafa belga baseada em Bruxelas. Faz parte do projecto Fotografar Palavras desde 2022. Explora principalmente a foto-performance e o autorretrato. O seu trabalho é complementado por projectos mais conceptuais, incluindo fotografia de rua. Como ativista, colabora com o Coletivo Krasnyi, composto por pessoas que partilham um compromisso comum com os movimentos sociais. Para além dos aspectos estéticos e terapêuticos, procura continuamente uma abordagem emocional, questionadora e/ou militante na sua fotografia. site - [www.julieflam.com](http://www.julieflam.com)